

O Progresso Catholico

REVISTA RELIGIOSA, SCIENTIFICA, LITTERARIA, ARTISTICA E NOTICIOSA

SUMMARIO:

A Voz da Igreja—Discurso de Sua Santidade Leão XIII aos Cardeaes no dia 4 de agosto de 1881.—SECCÃO RELIGIOSA: *O Matrimonio*, continuação da Pastoral de S. Ex.ª Rev.ª o Snr. Bispo do Funchal; *Tratado da Religião em Geral*, Cap. II, V. de P. P.—SECCÃO HISTORICA: *O monumento ao Marquez de Pombal*, VI, por Elias de Sampaio.—SECCÃO CRITICA: *Coisas! Coisas!*, por um leitor de gazetas.—SECCÃO LITTERARIA: *Victor, ou Roma nos primeiros tempos do Christianismo*, pelo P. F. Gay, traducção do P.ª Liina.—SECCÃO ARTISTICA: *O meu pensar acerca das artes portuguezas no seculo XIX*, pelo P.ª Alfredo Elviro dos Santos.—RETROSPECTO DA QUINZENA, por J. de Freitas.—SECCÃO PARA RIR, por Z.—*Boletim do Monumento a Pio IX, o grande.*

GUIMARÃES 30 DE AGOSTO DE 1881

A VOZ DA EGREJA

Depois dos malyados attentados de que fôra theatro a cidade de Roma, por occasião da trasladação das reliquias de Pio IX, do maior vulto d'este seculo, do Pontifice que descia do throno da sua magestática grandeza para abraçar, para abençoar aquelles que contra Elle se conspiraram, que disparavam suas armas á voz do general da pelintragem italiana, tem sido tantos os protestos de todos os pontos da christandade, que teem chovido aos pés de Sua Santidade Leão XIII, que impossivel se torna o darmos de todos conhecimentos.

Por hoje damos publicidade ao discurso que o Summo Pontifice pronunciára no ultimo consistorio, e no qual se refere ao inaudito attentado.

Eis o discurso, que é um protesto contra as demagogicas turbas que mesmo depois de morto insultam o homem que foi e ha de ser sempre a admiração dos povos cultos:

«Aos Exc.ªs e Rev.ªs Cardeaes, no Palacio do Vaticano, em 4 de agosto de 1881.

«Apressamo-nos, veneraveis irmãos, a reunir em volta de nós o vosso augusto Collegio, e a aproveitar a criação de Bispos que deviamos fazer, para vos abrir o nosso coração e para vos communicar a dôr que sentimos por causa dos factos odiosos que tiveram lugar em Roma por occasião da trasladação das cinzas de Pio IX, nosso predecessor de feliz memoria. Já encarregamos o nosso amado filho, o Cardenal Secretario d'Estado, de levar sem de-

mora esses desattentados e indignos factos ao conhecimento dos soberanos da Europa. Mas o ultrage feito ao nosso grande predecessor e á dignidade do Pontificado, nos impõe imperiosamente o dever de levantar hoje a voz a fim de que os nossos sentimentos a este respeito sejam publicamente constata-dos e a fim de que as nações catholicas saibam que nós fizemos tudo o que podiamos para salvaguardar a memoria d'um homem Santissimo e para defender a magestade do Soberano Pontificado.

Pio IX ordenou, como vós sabeis, veneraveis irmãos, que o seu corpo fosse sepultado na Basilica de S. Lourenço, fóra dos muros. Ao tractar-se de cumprir a sua ultima vontade, resolveu-se, d'accordo com aquelles que teem de vigiar sobre a ordem publica e que haviam sido antecipadamente avisados, que o feretro sahiria da Basilica do Vaticano pelo silencio da noite. ás horas que habitualmente são as mais tranquillias. Tinha-se tambem decidido que o cortejo não revestiria o esplendor reclamado pela magestade do Pontificado e pelos costumes tradicionaes da Igreja, mas se conformaria com a actual situação da cidade de Roma. Porém, eis que a noticia d'este acontecimento se espalha immediatamente pela cidade inteira, e o povo romano, lembrando-se dos beneficos e das virtudes do grande Pontifice, testemunha espontaneamente o desejo de render ao Pae Commum a homenagem do seu respeito e da sua dedicacão filial. Esta manifestação de sentimentos de gratidão e amor estava em perfeita harmonia com a grandeza de caracter e dos sentimentos religiosos do povo romano. Os romanos não tinham, com effeito, em vista outra coisa senão acompanhar

com recolhimento o cortejo ou achar-se em grande numero e cheios d'um respeito religioso á sua passagem.

No dia e hora marcadas, o cortejo funebre sahio da Basilica do Vaticano, emquanto uma multidão immensa de pessoas de todas as classes da sociedade enchiam as ruas. Um consideravel numero de homens piedosos rodeava o carro funebre, filias mais numerosas ainda o seguiam n'uma attitude de seriedade e recolhimento. Esta multidão que recitava orações não emittiu nenhum grito, não praticou acto algum que podesse offender ninguem ou de qualquer maneira provocar desordem.

Mas desde o principio da cerimonia funebre, um punhado de conhecidos malfeteiros procura perturbar por meio de voeferações selvagens o cortejo. O seu numero e a sua ousadia augmentaram rapidamente, os clamores e o tumulto redobram, blasphemou-se contra as coisas mais sagradas, os homens mais respeitaveis foram recebidos com assobios e cobertos de insultos; os perturbadores cercam, em attitude ameaçadora, o cortejo funebre e ataram-no á portia dando pancadas e lançando pedras. Ousaram até aquillo que os barbaros não ousariam, sem mesmo respeitarem as cinzas do Santo Pontifice. Com effeito, não só insultaram o nome de Pio IX, mas chegaram a atirar pedras contra o carro que transportava as suas cinzas, e ouviu-se-lhes muitas vezes o grito de que era necessario lançal-o ao Tibre. Estas scenas odiosas continuaram durante todo o trajecto, que demorou duas horas. E se não se deram factos mais graves, não se deve isso attribuir senão á moderação dos catholicos que, se bem que provocados da maneira mais insolente e mais vio-

lenta, preferiram soffrer os insultos a permitirem que durante esta piedosa cerimonia tivessem logar scenas mais funestas ainda.

Pessoas n'isso interessadas buscam destigurar ou contestar estes factos notorios e constatados por testemunhos publicos, factos que não só encheram de dôr as nações catholicas, mas que teem também provocado a mais sincera indignação de todos aquelles que ainda teem sentimentos humanos. Todos os dias nos chegam cartas verberando factos tão odiosos, attentadíssimos abominaveis.

Mas é principalmente a nós que este grave e odioso attentado causou a mais profunda dôr e as mais pungentes inquietações. E porque é do nosso dever defender a magestade do Pontificado romano e a veneravel memoria dos nossos predecessores, protestamos solennemente perante vós, veneraveis irmãos, contra aquelles excessos deploraveis e pedimos satisfação do ultrage que nos é feito, ultrage cuja responsabilidade recae sobre aquelles que não defenderam contra o furor de homens impios nem os direitos da religião nem a liberdade dos cidadãos. Que o mundo catholico julgue por si mesmo em vista d'este facto qual é a segurança em que nós nos encontramos em Roma.

Já era bem sabido que estavamos reduzidos a uma situação difficil e intolleravel sob mais d'um ponto de vista; mas este recente acontecimento veio manifestar a mais e demonstrou, ao mesmo tempo, que se o estado actual das coisas, nos é cruel, mais cruel ainda deve ser o estado de coisas que se prepara. Com effeito, se a trastadação das cinzas de Pio IX deu logar a desordens revoltantes e ás mais graves perturbações, quem nos pode garantir que a audacia dos impios não chegará a esse ponto se nós quizermos atravessar as ruas de Roma com a pompa reclamada pela nossa dignidade, sobre tudo se elles julgarem ter pretexto para isso porque o nosso dever nos haja obrigado a condemnar leis injustas promulgadas em Roma ou a reprovar qualquer outro acto publico contrario á justiça? E' pois mais manifesto do que nunca que nós não podemos permanecer em Roma d'outra maneira senão como prisioneiro, encerrado no palacio do Vaticano. E se se attentar em certos indicios que se manifestam de tempos a tempos, se se recordar que as seitas se conjuraram abertamente para destruir a religião Catholica, pode-se com razão affirmar que se estão formando planos funestos contra a Igreja de Christo, contra o Soberano Pontifice e contra a fé tradicional da Italia.

Nós seguimos com attenção, como

é do nosso dever, os progressos d'esta lucta cada vez mais encarniçada, e ao mesmo tempo advertimos os meios mais efficazes de defeza. Tendo toda a nossa esperança em Deus, estamos resolvidos a combater com a maior energia pela integridade da Igreja, pela liberdade do Soberano Pontifice, pelos direitos e magestade da Santa Sé apostolica.

N'este combate não recuaremos deante de quaesquer trabalhos, perante difficuldade alguma; e não nos encontraremos só a sustentar esta lucta, veneraveis irmãos, pois temos a maior confiança nas vossas virtudes e na vossa constancia. E' nos isto também uma grande consolação e um apreciavel apoio. A piedosa dedicação dos Romanos que, apesar de todas as emboscadas e de todos os artificios com que os não querido ganhar, permanecem ligados com uma notavel firmeza á Igreja e ao Soberano Pontifice, e não deixam passar nenhuma occasião de mostrar não profundas raizes estas virtudes não lançado em seus corações.

No entanto, veneraveis irmãos, nós não negligenciamos, embora os gravissimos perigos que nos ameaçam, o trabalhar tanto quanto podemos no governo da Igreja e, com a ajuda de Deus, continuamos a velar pelos interesses das nações christãs.

A este respeito recordaremos gostosamente aqui o que fizemos recentemente em favor da Bosnia e da Herzegovina. Desejando vivamente regular melhor e estabelecer mais solidamente n'aquelles paizes o que respeita aos interesses da Religião, estabelecemos de accordo com o nosso muito amado filho em Jesus Christo, Francisco José, imperador da Austria e rei apostolico da Hungria, a hierarchia catholica. Assim, elevamos á dignidade de Sé Archiepiscopal e de metropole a sé do Serajewo, principal cidade da Bosnia, e determinamos que esta sé seja denominada Vehrbosna. A esta sé annexamos como sés suffraganeas, tres sés episcopaes, a saber as sés de Banjaluca, de Mostar ou Duvno e de Marcana e Trebigne, confiada á administração do Bispo de Ragusa, e decidimos que os titulares d'estas sés sejam suffraganeos do Arcebispo de Vehrbosna. Também demos ordem para que as Letras apostolicas que sobre o estabelecimento da hierarchia catholica n'aquellas provincias fizemos publicar, vos sejam distribuidas a fim de que por ellas possais conhecer as vicissitudes porque a religião catholica tem passado n'aquelles paizes, bem como tudo o que nós temos feito.

Confiadamente esperamos que este acto de sollicitude pontifical contribuirá, pela intercessão dos gloriosos apóstolos e dos padroeiros celestes dos po-

vos slavos, para o progresso da felição de Christo entre as nações descejosas de luz, e para fazer crescer e fructificar, com a graça de Deus, como uma semente fecunda, uma rica e salutar seara.

Agora, veneraveis irmãos, dar-vos-hemos parte da recente eleição do Patriarcha da Cilicia dos Armenios. Estando o deploravel schisma que vós conheceis a ponto de desaparecer, o nosso veneravel irmão Antonio Assoun, ao qual julgamos dever conferir, pelos seus merecimentos, a purpura romana, demittiu-se espontaneamente da dignidade patriarchal. Fizemos pois com que os nossos veneraveis irmãos, os Bispos armenios, se reunissem em synodo, e procedessem á eleição ou postulação d'um novo Patriarcha. Difficuldades que inopinadamente surgiram retardaram esta eleição; mas o synodo teve logar no dia 6 de julho na igreja consagrada á Santissima Virgem, e o nosso veneravel irmão Etienne Azarian, Arcebispo de Nicosie i. p. i., que tomou o nome de Pedro x, foi eleito Patriarcha da Cilicia por maioria de votos.

Os Bispos armenios participaram-nos em seguida, por meio d'uma respeitosa carta com data de 8 de julho, tudo quanto haviam feito concernente a esta eleição. E, reconhecendo que a dignidade patriarchal recebe toda a sua força e valor do bemaventurado Pedro, Principe dos Apostolos, que, dado por Deus aos cordeiros e ás ovelhas, recebeu só para as communicar aos outros as chaves do reino dos ceus, elles nos pediram como convinha, que confirmassemos a eleição do synodo pela nossa auctoridade apostolica.

O mesmo pedido nos foi endereçado pelo Patriarcha eleito Etienne Azarian, que n'uma carta datada de 8 de julho, nos repetiu a profissão de fé por elle assignada e feita perante o synodo em conformidade com a prescrição de Urbano VIII. Ao mesmo tempo, exprime n'esta carta os seus sentimentos de respeito e adhesão a esta Sé apostolica e declara querer ficar sempre submettido á sua auctoridade.

Temos, pois, veneraveis irmãos, confiança em que este Patriarcha eleito ou postulado, o qual nos muitos cargos de que tem sido revestido ha dado brilhantes provas da sua fidelidade para com a Igreja Romana, da sua experiencia dos negocios, dos seus constantes esforços para a manutenção da unidade da Igreja, fará tudo o que puder pela palavra, pelo exemplo e pelo zelo em pró da salvação das almas, para satisfazer, na elevada dignidade que lhe é conferida, a todos os deveres de um bom pastor. N'esta confiança e depois de haver consultado a nossa Con-

gregação da Propagação da Fé que está encarregada dos negocios das egrejas orientaes, resolvemos acceder ao pedido do Patriarcha eleito ou postulado e dos Bispos armenios para confirmar pela nossa auctoridade apostolica e para instituir canonicamente Etienne Azarian como Patriarcha da Cilicia dos Armenios.

Da auctoridade de Deus todo-poderoso, da auctoridade dos Santos Apostolos Pedro e Paulo e da nossa propria auctoridade confirmamos pois e approvamos a eleição ou postulação feita pelos nossos veneraveis irmãos os Bispos armenios na pessoa do sobredito Etienne Azarian que nós desligamos dos laços que o ligavam á egreja de Nicosie i. p. i. e o transferimos para a egreja patriarchal da Cilicia dos Armenios apresentando-o como Patriarcha e pastor n'esta mesma egreja, como se diz no decreto e nas actas do Consistorio, não obstante todas as coisas contrarias. Em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo. Amen.

Secção Religiosa

O MATRIMONIO

PASTORAL DE S. EX.ª REV.ª O SNR.
BISPO DO FUNCHAL

(Continuado do n.º 18)

Não faltará quem excogite a distincção entre o homem e o christão, ou entre o subdito do poder temporal e o filho da Egreja, para fundamentar a separação do contracto e do sacramento, mas é bem facil de conhecer a van subtelza de uma tal distincção desde que se attenda a que todo o homem é obrigado a regular a vida toda pelos dictames da consciencia e da razão, dominadas e esclarecidas pela crença. Suppôr que ao cidadão seja licito procceder em qualquer circumstancia pon-do de parte sentimento religioso é um rematado absurdo. Jámais a creatura arrebatada ao supremo e inalienavel dominio do Creador, e venham muito embora os potentados da terra allegar seus direitos; que ou estes hão-de ser emanados do Ente Supremo, ou não poderão ser nunca direitos. A classica phrase do livro dos Proverbios, *Per me reges regnante et legum conditores justu decernunt* hade ser em todos os tempos e em todas as sociedades o principio eterno e innegavel de todo o direito publico.

Como hade suppôr alguém que lhe seja licito obedecer a Cesar em menosprezo das ordenações divinas? Devemos obedecer ás leis civis, é certo, é

christão; obedecer não só pelo temor da pena, mas até em consciencia, como ainda mui claramente prescreve o Apostolo, mas não é por serem simplesmente leis que lhes hemos de obedecer, mas em quanto são justas ordenações d'uma authoridade legitimamente constituída.

Desde que as prescripções dos superiores vierem privadas d'esse caracter ou predicado necessario de toda a ordenação da razão, como á lei chama com tanta propriedade o doutor Angelico, perdem ellas por isso mesmo sua força obrigatoria. A lei deixa de ser lei para ser arbitrio, e a authoridade deixou de ser paternal para ser despotica. N'esse ponto o homem, que é filho de Deus e subdito do imperante, mas em nome e por delegação do mesmo Deus, o subdito, dizemos, fica desligado de toda a obrigação de obedecer a outro homem, porque deve permanecer sempre na obediencia a Deus, como por palavra e acção nol-o ensinou o proprio principe dos Apostolos: *obedire oportet Deo magis, quam hominibus!* Importa obedecer mais a Deus do que aos homens.

E como elle sellou esta verdade com seu proprio sangue, assim o têm feito milhares e milhares de christãos em todas as epochas. Se quizermos ser sempre filhos de Deus, discipulos de nossos mestres na fé e subditos fieis do Romano Pontifice, que é o Vigario de Christo na terra, assim devemos procceder.

Haverá n'esta diocese, que tanto se distingue pela viveza da fé, respeito á legitima authoridade e affecto a seus pastores; haverá alguém tão desgraçado, que ouse calcar aos pés a crença, a obediencia, o pudor a dignidade, rompendo a união com a Santa Egreja, para contrahir uma ligação peccaminosa perante o magistrado civil?! Tal não esperamos, filhos dilectos em Jesus Christo; tal não permitta a divina misericordia.

Correm n'esta hora ventos contrarios á doutrina do Salvador, e não poucos homens são arrastados no turbilhão das ondas embravecidas por horriveis systemas, sem duvida suggeridos e favorecidos pelo espirito das trevas; porém temos a doce esperanza de que nos não seja arrebatada uma só ovelha. Já nos arrancou lagrimas a deserção de uma d'ellas, mas ainda nos trouxe algum tenue lenitivo a idéa de que nascera n'este aprisco, e que assim ainda o rebanho se conserva intacto. Oh! permitta Deus que assim permaneça sempre.

Attendei bem que as rebelliões contra a lei do Senhor encontram ainda n'este mundo muitas vezes punição severa. Os remorsos da sciencia, os escandalos

dados ao rebanho fiel, a deshonra á face das familias honestas, a propria vergonha perante os fructos de uma união illicita offerecem doloroso e pungente castigo.

E o malaventurado *casamento civil* é funesta origem de abundantes males, que derramam a assolação na sociedade e na familia.

Primeiramente abre a porta ao divorcio, quebrando as duas joias mais preciosas do matrimonio: a unidade e a indissolubilidade, e falseando seus fins, que são a procreação e educação dos filhos com o mutuo auxilio e felicidade dos esposos.

Ora, quando a graça divina não sanctificou a união d'estes dois seres, a desordem será a consequencia inevitavel e fatal.

Uniram-se dois corações que se sentiam attrahidos e inclinados um para o outro, e em quanto duram os attractivos, a formozura, a mocidade, os prazeres facil será de supportar e-te jugo, que assim é doce e suave. Mas desde que despontou alguma nuvem no horizonte de venturas, ameaçando tempestade, ceclypsou-se o sol dourado dos affectos para reinar sómente a sombra caliginosa da aversão. Ah! e como n'estes dias tão fugazes e variaveis da vida nascem frequentes os tristes motivos de contrariedades e dissidencias!

A diversidade de genios, a differença de educação e de habitos, a falta de recursos, o amor do vicio e da ociosidade, os contratempos da fortuna tão variavel, a doença pertinaz, a molestia repugnante, e milhares d'outras causas tornam bem pezada a cruz do matrimonio.

Quê procurar então o balsamo para essas dores e o remedio para taes infortunios?

Se aquelle intimo laço não foi unido por Deus, bem facilmente se quebra, pois se o homem não pôde desatar o que Deus uniu, (1) com terrivel preserteza desfaz o que elle proprio fizera só.

O contracto meramente civil hade entrar por força na cathgoria de todos os outros contractos. Como, pois, será insolavel o do matrimonio, se não p-de impôr-se ao homem um onus superior a suas forças e contrario a sua livre natureza?! Que Deus, superior ao homem, imponha a este uma lei que parece superior á sua propria natureza, mas que por isso mesmo lhe ministre força, auxilio sobrenatural, graça, em uma palavra, para arrostar com o encargo tão pezado, e cumprir a lei tão difficil da união perpetua e indissolvel; isto muito bem se comprehende. Mas que o ho-

(1) Math. 19 C.

mem, em quanto só puro homem, queira impôr-se a si mesmo um peso enorme, que o esmaga, e prender-se com uma cadeia que o tenha escravo por toda a vida; isso é que não pode admittir-se em face dos principios da sã philosophia.

Eis ahí, para o dizer de passagem, a razão por que nas modernas leis ha tantas facilidades em conceder o divórcio. Não se precisa mais do que uma tal ou qual incompatibilidade de genio, uma tal ou qual repulsão e desarmonia, algum ligeiro conflicto entre os esposos para em continenti se appellar para o divórcio.

Por isso nos paizes protestantes, e já tambem nos catholicos onde foi estabelecido o *casamento civil*, são aos militares, em cada anno, as separações. Por isso são tambem frequentes os crimes, porque ha maridos que abandonam suas mulheres para se unirem a outras e, vice-versa, esposas que abusam das mesmas torpes e desonestas licencias. (1)

E tendes já pensado, christãos, nos terriveis e funestissimos effeitos do divórcio?

Prestae, ainda uma vez, attenção á voz auctorizada do nosso venerando e sabio Pontifice.

«Pelo divórcio se tornam instaveis as uniões matrimoniaes, afrouxa o affecto reciproco, a infidelidade recebe perniciosos incitamentos, a educação e amparo dos filhos ficam compromettidos, offerece-se azada occasião para dissolver a sociedade domestica, semeia-se no seio da familia o germen da discordia, diminue-se e abate-se a dignidade da mulher, corre perigo de ser abandonada depois de ter servido ás paixões do homem.» (2)

Aí! pobres mulheres! como n'estes modernos tempos de civilisação estão elle- outra vez em risco eminente de serem rebaixadas ao nivel das escravas, menos ainda, de animaes de servião, instrumentos hediondos de prazer brutal, exactamente como nos tempos execrandos do velho paganismo, como ainda hoje nos paizes embrutecidos pelas doutrinas sensualistas do alcorão!

A esta metade do genero humano

(1) As estatisticas de varios paizes, nos quaes se permite muito facilmente o divórcio, nos offerecem algrias annos estapentos. Nos Estados-Unidos, ha já 20 annos, subia o numero de divórcios a cinco mil em cada anno, e assim se dava a dez mil pessoas o direito de viverem em adulterio legal. Ahí succedia que em uma só cidade se davam annualmente 10 divórcios e só 1 casamentos. «Univers» 18-18 abril 1855. «New-York Herald.» Fevr. 1851. Entre nós logo no primeiro anno depois de promulgado o Código Civil, só na cidade do Porto, se instauraram trezentas acções de divórcio!

(2) Encycl. Arcanam div. sap. consil.

levantou e regenerou tambem o christianismo; agora, que o paganismo tenta renascer e predominar, hade ser abatida forçosamente a moral e por tanto o nivel da dignidade humana. E, porque nada é mais pernicioso aos destinos dos povos do que a corrupção da familia, facil é de vêr quam graves perigos ameaçam os Estados, actualmente, na facilidade do divórcio e no alargamento d'esta cancerosa chaga.

Hade vêr-se agora o mesmo que outrora succedeu, porque as mesmas causas produzem sempre os mesmos effeitos.

Abramos pois a historia para das lições do passado tirar algum ensinamento para o presente.

«Conta-se que os antigos romanos manifestaram horror pelos primeiros casos de divórcio, porém dentro em pouco começou a enfraquecer nos animos o sentimento da honestidade, desappareceu o pudor, que é o moderador das paixões, e a fé conjugal foi violada com uma licença tão infrene que somos forçados a ter por verosimil o que nos é relatado por alguns escriptores, a saber, que as mulheres tinham o costume de contar os annos não pela successão dos consules, mas pelo numero de seus maridos.» (1)

Onçamos outra voz diametralmente opposta nos sons que ordinariamente faz vibrar, mas de todo o ponto accorde n'esta verdade.

«Em quanto o matrimonio religioso, chamado *confarratio*, diz o celebre e insuspeito Proudhon, prevaleceu entre os romanos, o povo-rei pôde usufruir-se de possuir aquellas distinctas matronas que ficaram sendo um verdadeiro typo na historia, familias unidas e vigorosas, costumes austeros e fortes, filhos heroicos e varonis; depois quando, nos seculos de decadencia, se estabeleceu o matrimonio puramente civil, denominado *Coemptio*, relaxaram-se os vinculos da sociedade conjugal, enfraqueceu-se a educação, introduziu-se a desordem, a devassidão, a torpeza, não sendo já possivel distinguir o matrimonio do concubinato, sendo-lhe dado um titulo legal pelo imperador Augusto com o fim de attender ao interesse da população e dos costumes... Desprezando o sacramento (!) apagou-se em breve o sentimento religioso no matrimonio, a instituição de apparece do lar e apenas existe para o publico. Desde logo a diversidade de genios, de ideias, de sentimentos cresce e se desenvolve; a divisão, depois o escandalo entram na familia; a authoridade paternal, que é já adocada pela affeição, reveste um character de tyrannia que obriga o le-

(1) Id ibid.

gislador a pôr-lhe pês; a mulher, protegida pelos parentes, conhecendo sua força, exagerando seus direitos, torna-se insolente e aspira á egualdade, os filhos, entrados apenas na adolescencia, obteem a emancipação, a familia converte-se em viveiro de discordias e o juramento conjugal sancionado pelo divórcio, torna-se uma promessa tacita de annullação.

«Então, não obstante as phrases pomposas dos juriconsultos, que ainda definiam o matrimonio uma participação do direito divino e humano, tornou-se evidente aos olhos de todos que esta pretendida participação não passava d'uma simples sociedade do lucros e perdas, na qual os filhos eram o principal artigo. N'um contracto de esta especie, para o qual bastava o tabelião, e onde tinha o primeiro e principal logar a especulação do interesse, ficando o amor de todo exposto a seus naturaes perigos, conservado o termo matrimonio só por força do habito e das conveniencias, união dos esposos quanto ao thoro não se differenciava da dos concubenarios, que digo? da dos simples prostibularios; de modo que entre o matrimonio, o concubinato e a prostituição legal se não encontra já essencial differença.

(Continúa).

TRATADO DA RELIGIÃO EM GERAL

CAPITULO II

Da necessidade da religião

VI

A religião é necessaria ao homem e á sociedade. Havemos pois de admittir uma religião como verdadeira, quando não, teremos de acceitar o erro como principio da felicidade do homem e da felicidade dos povos:

ARTIGO I

A religião é necessaria ao homem

VII

O homem nasce para ser feliz; tende natural e invencivelmente para a felicidade como seu fim ultimo. Pode, é verdade, enganar-se já na escolha dos meios, já confundindo a verdadeira felicidade com uma felicidade apenas apparente, mas é de sua natureza o querer ser feliz; deseja-o, ainda mesmo quando procura acabar consigo, pois, se elle procede assim, é porque a sua destruição, por mais contraria que seja a seus instinctos naturaes e á razão, se lhe afigura, em semelhante caso, pre-

erivel á vida. O homem pode, por conseguinte, ser feliz, verdadeiramente feliz: seus desejos não podem ser uma illusão; Deus não zomba de suas creaturas. Ora, o homem não tem outro meio de ser feliz que o da religião; só a religião pode dar-lhe a felicidade para que elle nasce, a felicidade pela qual elle suspira ardentemente. De facto, o homem recebeu do Creador a faculdade de conhecer, amar e obrar; a faculdade de conhecer a verdade, que é o objecto de sua intelligencia; a faculdade de amar o soberano bem, que é o objecto de seu amor; e a faculdade de obrar, isto é, a faculdade de se encaminhar livremente para a verdade e para o supremo bem ⁽¹⁾, que ha de receber com a posse mais ou menos perfeita de Deus, que, sendo a verdade absoluta, e ao mesmo tempo o soberano bem, é quem, debaixo d'esta dupla relação, pode satisfazer as necessidades de nossa intelligencia e de nosso coração, e ser a recompensa condigna do homem: *Ego ero merces tua magna nimis* ⁽²⁾. Para alcançar a felicidade, tem pois o homem de relacionar-se com Deus, de ligar-se e unir-se intimamente com Elle; tem portanto de praticar a religião para ser feliz, porque é esta pratica o unico meio de constituir-se em sociedade com Deus.

VIII

O homem não deseja conhecer simplesmente a verdade, deseja conhecer a verdade infinita; não procura sómente o bem, procura o bem infinito. Ora, a verdade infinita só a encontra em Deus, o bem infinito só o acha em Deus, nas recompensas da religião: «A vida eterna é conhecerem-vos, a vós como unico verdadeiro Deus: *hec est autem vita aeterna, ut cognoscant te, solum Deum verum* ⁽³⁾.» A religião é a unica coisa que pode regular e determinar nossa intelligencia, fazendo com que conheçamos positivamente as verdades que na ordem moral nos interessam; que pode regular e determinar o nosso coração, propondo-nos bens infinitos no seu objecto, que satisfazem a immensidade de nossos desejos. É a religião quem nos dá o conhecimento de Deus, como principio e fim de todas as cousas, o conhecimento do homem e o de seus destinos; é ella quem nos ensina com auctoridade, a todos, ás crianças como aos adultos e velhos, aos pobres como aos ricos, aos pequenos como aos grandes, aos subditos como aos principes, aos simples e ignorantes como aos philosophos e sabios, que quem nos collocou no mundo foi Deus para o conhecer-

mos, amarmos e servirmos, e, por este meio, alcançarmos a vida eterna. É ella quem nos explica as relações do homem tanto com Deus, como com seus semelhantes, quem, apresentando-nos o Creador como pae dos homens, aos quaes ella dá uma origem, uma natureza e um fim communs, nos faz comprehender estes dois admiraveis preceitos, o segundo dos quaes é consequencia do primeiro: «Amarás ao Senhor teu Deus de todo teu coração, e de toda tua alma, e de todo teu entendimento; *Diliges Dominum Deum tuum ex toto corde tuo, et in tota anima tua, et in tota mente tua*: Amarás o teu proximo como a ti mesmo; *Diliges proximum tuum sicut te ipsum* ⁽¹⁾.»

IX

A religião reprime o orgulho, modera a ambição, refreia o ardor dos prazeres, precave-nos contra os perigos da superbidade, ampara-nos no infortunio, consola-nos na applicação, fortalece-nos contra os excessos do vicio e da voluptuosidade, dos sentidos e da corrupção; em fim, faz-nos virtuosos, e, fazendo-nos virtuosos, faz-nos felizes já desde esta vida, não só pelo gozo que sentimos de estarmos no agrado de Deus, mas sobretudo pela bem fundada esperanza de recebermos um dia o premio da virtude, o qual ella nos promete e dá na fruição perfeita e immediata de Deus, *ego ero merces tua magna nimis*; d'Aquelle que é a verdade e a vida, o soberano bem; *ego sum veritas et vita* ⁽²⁾. «Victima da dôr, diz um philosopho raras vezes de accordo consigo proprio, supporto-a com paciencia lembrando-me que ella é passageira e que procede d'um corpo que não é meu. Se pratico uma acção boa sem testemunhas, sei que alguém a vê, e presumo de meu procedimento d'esta para a outra vida. Soffrendo uma injustiça, digo commigo: Indemnizar-me-ha o Ente justo que governa todas as cousas; as necessidades de meu coração, as misérias de minha vida, tornam-me mais supportavel a ideia da morte. Serão menos outros tantos laços que terei de quebrar, quando houver de deixar tudo. O que importa ao homem é cumprir com os seus deveres na terra, e não os cumpre trabalhando só para si. O interesse particular engana-nos; só a esperanza do justo não engana ⁽³⁾.»

(Continúa).

V. de P. P.

Secção Historica

O monumento ao marquez de Pombal

VI

(Continuação da sexta pedra principiada a levantar no n.º 19)

«Os vaticínios de Paulo de Carvalho, as accusações de herege dirigidas contra o padre Malagrida não bastaram para convencer o povo lisbonense de que ia ver queimar um grande criminoso e um homem impio, porque apesar de tudo, os boatos que corriam eram que Malagrida estava innocente, que ia ser martyr, que era santo, e que o céu assignalaria o dia do seu supplicio com algum milagre aterrador. Diz com razão o sr. Simão José da Luz que «foi providencia divina não haver n'aquelle dia algum abalo de terra d'esses que tão frequentes são na capital do reino, nem haver em tamaúho concurso de povo alguma voz desconcertada, ou mesmo algum banco que quebrasse com o peso da muita gente que affluu, e que por casualidade caísse com ella no meio d'aquelle acto, porque, se alguma d'estas coisas succedesse, ou outra que causasse estrondo no claustro do ex-convento de S. Domingos, onde se costumavam levantar os theatros das tragicas scenas dos autos de fé, certo era que não podiam bastar, para conter o povo, nem as muitas guardas militares, que havia de precaução no dito ex-convento, nem os regimentos, que por cautella se tinham mandado postar na praça do Rocio para occorrerem ás desordens, que podessem acontecer. A credulidade era tal, que chegou a preoccupar os animos, ainda mesmo de muitos, que não eram povo, não se podendo bem calcular o sem numero de desgraças, a que daria logar o rompimento de um tumulto no meio de taes circumstancias, tumulto que felizmente não houve.»

O conde d'Oeiras, n'este supplicio do padre Malagrida não tinha outra coisa em vista senão aviltar, infamar bem a Companhia de Jesus; isso mostrava-se em todas as circumstancias d'aquella odiosa cerimonia. Até então os réus, que figuravam nos autos de fé, levavam todos o sambenito; foi o padre Malagrida o primeiro que appareceu com o seu habito, porque effectivamente o que ali queriam punir não era o homem era o habito; a roupeta é que estava designada aos odios e á vingança da Inquisição. Espalhava-se entre o povo um desenho figurando o padre Malagrida caminhando para a fogueira com o habito de jesuita, e a prova que esta comedia fôra preparada com muita antecipaçào, é que no desenho apparecia o padre Malagrida, com o habito de je-

(1) Supponmos que sem o dogma da graça, nada se pode na ordem da salvação.

(2) Genesis, c. xv, v. 2.

(3) S. João, c. xvii, v. 3.

(1) S. Matheus, c. xxii, v. 37 e 39.

(2) S. João, c. xiv, v. 6.

(3) J. J. Rousseau, *Emílio*.

suita, por cima a carocha e o sambenito, e entre dois frades, um barbadinho outro dominicano, quando os que o acompanhavam eram dois frades beatos. Isto demonstra que a estampa fôra feita com antecipação, e que o desenhador não previa a alteração na escolha dos frades que deviam acompanhar a alteração que naturalmente foi feita a ultima hora.

Para essa lugubre cerimonia foram convidadas as pessoas principaes da cõrte, que affluiram com aquella curiosidade ingenuamente feroz, que todas as populações, ainda as mais civilizadas, pareçe que sentem quando se lhes deparam estes hediondos espectaculos. Deus, para que este crime do conde d'Oeiras fosse mais evidente, de novo cobriu com a sua mão o pobre velho, reaccrendendo-lhe n'esses ultimos momentos d'existencia a lampada quasi apagada da razão; pelo menos o padre Malagrida mostrou-se muito sereno e com grande compostura, quando no claustro de S. Domingos lhe leram as suas culpas, que eram «as de fingir milagres, visões, revelações, e outros muitos favores ecclestiaes, que Deus concede aos seus verdadeiros servos»; tambem era accusado de querer que o tivessem por santo e verdadeiro propheta, tendo por esta causa enganado os povos de Portugal, extorquindo-lhes grossas sommas com o pretexto de devoção e fins devotos, de fomentar discordias e sedições, de prophetisar successos que sabia se idejavam e tratavam na cõrte com os funestissimos objectos, que depois se fizeram manifestos; d'affirmar no santo officio que tudo lhe era dictado por Deus, Maria Santissima, anjos e santos, que lhe fallavam e com elle communicavam; e finalmente d'escrever duas obras, uma em portuguez a *Vida gloriosa de Santa Anna*, outra em latim com o titulo *Tractatus de vita et imperio Anti-Christi*. Eram estas loucuras, estes devaneios d'um espirito enfermo que a Inquisição, e inspirada pelo conde d'Oeiras, punia como crimes. E o que tornava ainda mais odioso este crime era que não o punia assim o fanatismo, punia-o a hypocrisia. Todos os juizes sabiam perfectamente, confessavam-n'o até, que esses phantasiados crimes eram puramente pretextos, e que o que se desejava era dar uma lição severa ao punitivo, era mostrar-lhe que se não precisava da sua autorisação para se castigarem os sacerdotes, que delinquiram contra a autoridade régia.

Ouvida a leitura das suas culpas e da sua sentença, Malagrida paramentou-se com os habitos sacerdotaes para ser degradado das ordens sacras, e, feito isto, foi ouvir diante do tribunal da Relação a confirmação da sua sentença, e, con-

duzido emfim ao Rocio, ali foi garrotado e queimado, segundo a condemnacão.

Não foi este castigo nem mais injusto nem mais cruel do que os supplicios de Belem, produziu comtudo um effeito muito peor na Europa, e é um dos mais terriveis artigos do libello que a posteridade articulou contra o grande ministro d'el-rei D. José, libello que figura a par do panegyrico de que as suas grandes qualidades são merecedoras. E' que em Belem o conde d'Oeiras apresentára-se francamente como o defensor implacavel d'uma nova ordem de coisas contra a reacção aristocratica, ali o cutello do algoz era o nivel de Tarquinino com que o inflexivel ministro queria igualar todas as cabeças diante do throno régio; mas no Rocio a condemnacão de Malagrida era um acto de simples vingança, pois que a Companhia de que elle era membro já fôra punida com a deportação; em segundo logar o acto do ministro maculava-se com a hypocrisia, pois que, em vez de confessar alta e claramente quaes eram os motivos que o guiavam, abrigava-se, elle, o grande inimigo da predominancia do espirito beato, com pretextos fanaticos, e resuscitava para este fim especial, aquelle ignobil tribunal do Santo-Officio, que elle mesmo despojara do seu prestigio, que era tão contrario à sua indole e às suas vistas reformadoras, e accendia elle, o ministro reformador, aquellas lugubres chammias dos autos de fé, cujo reflexo tingia com um clarão de vergonha as paginas da nossa historia de dois seculos.

A Europa acolheu com sentimentos de viva repugnancia a noticia d'este attentado; o conde d'Oeiras positivamente desprezava com denasado desdém a opinião publica.

Voltaire no seu *Seculo de Luiz XV* diz que n'este processo «o excesso do horror só é vencido pelo excesso do ridiculo.» Os encyclopedistas não podiam acolher senão com sentimentos hostis os actos d'um tribunal tão odioso como o era o do Santo-Officio. A distancia não podiam saber se esse tribunal fôra apenas uma arma humilde nas mãos do ministro omnipotente, nem podiam perceber o progresso que por fim de contas se revelava n'essa transformação d'um tribunal que impozera leis ao monarcha, um servidor humilissimo da realza, viam unicamente a resurreição das formulas obsoletas do fanatismo, e julgavam que o conde d'Oeiras não fazia senão continuar, com mais crueldade, as tradições beatas de D. João v.

N'esse acto, um dos mais inhabeis da administração do ministro d'el-rei D. José, não logrou o conde d'Oeiras satisfazer nem a opinião publica na Europa, nem a opinião publica em Portu-

gal, nem os philosophos, nem beatos. Os philosophos viram apenas a sentença do Santo Officio, e d'ahi deduziram que o ministro portuguez não estava acima dos preconceitos do seu paiz, e era incapaz d'apreciar o grande movimento dos espiritos no seculo xviii; os devotos continuaram a vêr em Malagrida um santo, um verdadeiro martyr, e no conde d'Oeiras o impio, o hypocrita algoz da innocencia.

Como sempre acontece, o conde d'Oeiras com esta arbitrariedade pozera o pé no primeiro degrau d'uma escada fatal, e as agitações da opinião publica, actuando no seu espirito suspeito, levaram-n'o a encher as prisões, a governar emfim pelo terror.»

(M. Pinheiro Chagas—*Historia de Portugal nos seculos xviii e xix*, pag. 221 e 222.)

Como se vê da narrativa do snr. Pinheiro Chagas, o marquez de Pombal accendia as fogueiras inquisitoriaes quando a sua perversidade a isso o aconselhava, e foi este sempre o proceder dos despotas politicos de todos os tempos; foram elles que tornaram odioso o tribunal do Santo Officio, quando lançavam mão d'elle como uma arma politica para, em nome da religião, commetter os maiores crimes.

Não deixamos passar sem reparo as palavras do notavel historiador, referentes às *locubrações mysticas* do padre Malagrida, e às *extravagancias* que elle *derramava* pelas paginas do seu livro.

O snr. Pinheiro Chagas vê no espirito inspirado da victima do grande marquez um motivo para o *medico* lhe passar um *attestado de loucura*, como que a santidade, que se alcança em meio de uma vida de sacrificios, de virtudes e de martyrio, fosse apenas o desvaivar d'uma intelligencia.

Para o snr. Pinheiro Chagas, quer-nos parecer, todos os santos não foram mais que uma chusma de doudos, que andavam pelo mundo a fazer rir os que o não eram! Mas vá, o snr. Pinheiro Chagas não é catholico e por isso não crê em santos.

Vê-se tambem que era tal o respeito que todas as camadas sociaes tributavam ao padre Malagrida, que o feroz ministro, a hyena fardada que amollava as garras ferinas nas innocentes victimas, prevendo que a infame sentença não poderia ser executada perante um povo que via um santo no jesuita que elle apresentava como um criminoso, mandou cercar tudo de tropas, para amedrontar, para conter as massas populares, que continuaram a vêr em Malagrida um santo, um verdadeiro martyr, e no conde de Oeiras o impio, o hypocrita algoz da innocencia, como bem diz o snr. Pinheiro Chagas.

Do que escrevera o sr. Pinheiro Chagas deprehende-se:

1.º Que o marquez de Pombal, condemnando um innocente, fora um assassino; logo, a maçonaria e o *liberalismo* portuguez, erguendo-lhe uma estatua, ergue-a ao assassino.

2.º Que o marquez de Pombal, accendendo as fogueiras da Inquisição para queimar um jesuita (e muitos outros) por simples vingança, era um feroz inquisidor mór; logo, a maçonaria e o *liberalismo* portuguez, que tanto berram da Inquisição, erguendo uma estatua ao marquez de Pombal, ergue-a a um inquisidor, faz a apothiose da Inquisição.

3.º Que o marquez de Pombal, *enchendo as prisões, governando pelo terror*, era um despota, um tyranno; logo, a maçonaria e o *liberalismo* portuguez, erguendo-lhe estatuas em nome da *liberdade*, ergue-as ao despota, ao tyranno, faz a apothiose do despotismo, da tyrannia.

Procuramos mais pedras.

ELIAS DE SAMPAIO.

Secção Critica

COISAS! COISAS!

Que saudades não deve sentir o christão que ha cincoenta annos entrava n'uma igreja de frades ou de freiras, e lá entra hoje para assistir a uma festividade religiosa!

Como as lagrimas lhe correrão pelas faces ao sentir a ausencia dos preciosissimos objectos que serviam nas ceremonias do culto religioso! E quanto mais amarguradas devem ser as lagrimas ao saber que foram filhos ingratos da mãe patria que tantas preciosidades deixaram, ou fizeram perder!

Lorvão, esse antiquissimo mosteiro, que fora de monges da ordem de S. Bento, que se diz fundado ainda em tempo d'este santo, o que depois passara para as religiosas de S. Bernardo tem soffrido *grandes delapidações*.

Esse mosteiro, que fora morada dos monges que concorreram para a conquista do Coimbra por D. Fernando Magno, que fizera tremular, depois de um cerco de 7 annos, nos muros de Coimbra a bandeira de Castella, em 1064 não estará longe da sua total ruina!

Esse mosteiro, que por vontade de D. Thereza, filha de El-Rei D. Sancho 1.º, passara a ser da ordem de S. Bernardo, e onde esta santa infanta professara, vivera e onde repousam seus restos mortaes, e onde repousa tambem a ossada de sua irmã D. Sancha, ambas santas, prestes será um montão de escombros que atestem para o futuro a vergonha de Portugal.

Esse mosteiro, cujo templo jámais se

póde transpor, segundo uma opinião auctorisadissima, sem que sejamos assallados a um mesmo tempo dos nobres sentimentos de religiosidade, admiração, respeito e piedade, quem virá a ser o seu possuidor?

A resposta virá depois. Por enquanto e para se avaliar das preciosidades historicas e artisticas que ali havia e das que ainda hoje existem, transcrevamos do nosso collega o *Conimbricense* o que o sr. Martins de Carvalho ali escrevera acerca dos objectos que vão occupar distincto logar na proxima exposição de arte ornamental, annunciada para breve em Lisboa:

«Apezar das grandes delapidações que tem soffrido o mosteiro de Lorvão, ainda alli se encontraram ultimamente algumas alfaias preciosas, que vão figurar na exposição de arte ornamental que nos dois ultimos mezes d'este anno e primeiro do immediato se hade realisar em Lisboa, as quaes já se acham em Coimbra, e d'alli foram trazidas com auctorisação do ex.º sr. bispo conde.

Uma d'ellas é uma pedra de ara, de serpentina verde, guarnecida de folha de prata dourada, e tendo gravada na mesma prata uma inscripção em caracteres gothicos, occupando as suas quatro faces, a qual diz o seguinte:

«Esta ara com todas as peças de infraconteadas, mandou fazer n'este devoto mosteiro de Lorvão a muito illustre senhora, a senhora D. Catharina d'Eça, abbadeça do dito mosteiro, .s.—A cruz que tem o lenho de vera cruz, e um bago e uma porta paz com pedraria, e dois castiçoes e um turibulo, com naveta e colher, e duas galhetas, e um bacio, e duas caldeiras, com seus hysopes, tudo isto de prata, e a maior parte das peças douradas. E mais oito pontificalaes, .s.—os tres de brocado e os outros de seda, e dois d'elles com betas de brocado e mais uma vestimenta de brocado, e outros tres de brocado e veludo. Anno de 1514.

De entre os objectos mencionados no leitreiro vieram tambem para figurar na exposição, uma das caldeirinhas e um dos hysopes.

A caldeirinha é riquissima; é de crystal, com engastes de prata dourada, na qual ha favores de grande merecimento artistico; e principalmente o pé, filigranado, é de uma apparencia lindissima.

No alto da caldeirinha ha varios camafeus e pedras de valor.

O hysope é igualmente de crystal, com engastes de prata, e o castão tambem de prata é de lindissimo gosto.

Veiu ainda um relicario de prata dourada, que não tem grande gosto artistico; mas em que se acham algumas pedras engastadas. Contém um osso, que se diz ser dos Martyres de Marrocos.

Na parte posterior d'este relicario está gravado o brazão de armas da abbadessa D. Catharina de Eça.

Um outro objecto que tambem veiu de Lorvão é uma grande caixa, com a apparencia de livro, forrada de velludo, e com grande e vistosa ornamentação de prata tanto nos cantos, como no centro de um e outro lado, onde se vêem as armas de Portugal ligadas com as da ordem de S. Bernardo.

O trabalho da prata, obra do seculo passado, é de bastante merito.

Esta caixa serve para se armar em forma de baldaquino, e era destinada para expor o Santissimo nas cellas das freiras doentes.

De tapeçarias, frontaes, vestes de imagens e outros tecidos congeneres vieram tambem de Lorvão alguns riquissimos e de gosto singular; e principalmente deve-se fazer menção d'uma veste abbacial, destinada á abbadessa do mosteiro, de um trabalho primoroso. É obra do seculo xvi.

Joaquim Martins de Carvalho.»

Onde irá parar tudo isto dentro em pouco?

O tempo, e só elle responderá!

Não deixo de ler todos os dias a *Nação*, porque é dos jornaes que se devem ler, e noto que este excellentes jornal não menciona nunca o *Progresso Catholico*, nem mesmo accusa a sua recepção, publicando-lhe o summario, como faz por exemplo com o *Jornal de Viagens*. Creemos que os respeitaveis redactores não fazem isto nem por pouca consideração que tributem ao *Progresso Catholico* nem por quererem fazer propaganda de um mau jornal como o das viagens, que por vezes descamba para o lado d'onde se insulta a Igreja.

Ainda agora li na *Nação* o summario do *Jornal de Viagens* e fui ler este jornal, que não costumo ler, por me despertar a curiosidade o titulo de um artigo—*Os jesuitas na africa e na America*.

Da sua leitura deprehendi que o homem não morre de amores pelos jesuitas e tanto que conclue com estas palavras:

«A igreja, ou, mais exacto, o clero regular, dominava o espirito das novas gerações, encerrando-as com ciume no circulo inflexivel das suas ideias e aspirações, e apagando em nome da unidade das crenças, qualquer clarão mais vivo que de fóra viesse avivar a meia treva em que vegetavam quasi adormecidas as intelligencias.»

Ora um jornal que tanto destoa dos principios religiosos da *Nação* não deve ser alli annunciado, por que annunciá-lo é recommendá-lo. E portanto, e porque a *Nação* é de entre o jornalismo portuguez aquelle com cuja camaradagem

mais nos honramos, pedimos-lhe que tire aquella baboseira publicação o espaço que semanalmente lhe despeasa e o dê antes ao jornal que caminha a seu lado — *O Progresso Catholico*.

O nosso esclarecido collega da capital do Brazil, o *Brazil Catholico*, fallando de Bocage dizia:

«Não falta quem considere a este illustre poeta só como impio e irreligioso.

Verdade é que não deixou de macular o seu engenho com uma vida desregada.

Correndo como cego atraz do louvor, diz um seu biographo, mais de uma vez abaixou a penna á obscena imitação de Aretino e envergonhou o estro com impiedades.

Mas em Manoel Maria Barbosa de Bocage, como transparece em muitas das suas obras, havia o mais profundo conhecimento das verdades reveladas, e a confiança na misericordia de Deus, o que só podia ser suffocado em instantes de allucinação.

Attendam os nossos leitores para o seguinte soneto em que o mimoso poeta invoca o amparo da Virgem SS.:

•Tu por Deos entre todas escolhida,
•Virgem das virgens, tu que do assanhado
•Tartareo monstro com teu pé sagrado
•Esmagaste a cabeça entumecida:

•Doce abrigo, santissima guarida
•De quem te busca em lagrimas banhado,
•Corrente com que as nódoas do peccado
•Lava uma alma que geme arrependida:

•Virgem, de estrellas nitida e roada,
•Do Espirito, do Pai, do Filho Eterno
•Mãe, filha, esposa, e mais que tudo amada:

•Valha-me o teu poder e amor materno;
•Guia este cego, arranca-me da estrada,
•Que vai parar ao tenobroso inferno!:

Não apparece nada assim no lixo que nos deixou o irmão do *mano* que ha pouco deu grande cavaco porque o *Progresso Catholico* o apresentára tal qual foi. Nem admira porque do *mano* a Bocage grande é a distancia.

E se não, escutemos ainda o *Brazil Catholico*, que fortes provas nos dá do que aventamos:

«Achava-se Bocage nos paroxismos da morte. Nesta hora tremenda em que a eternidade nos apresenta não como uma *pavorosa illusão*, porem como uma realidade salutar para as nossas almas, o poeta dictou ainda o ultimo soneto com que a sua alma se retempera das infidelidades passadas.

Ouçamol-o:

•Já Bocage não sou! . . . A' cova escura
•Meu estro vai parar desfeito em vento . . .
•Eu aos céos ultrajei! O meu tormento
•Leve me torne sempre a terra dura:

•Conheço agora já quam vã figura
•Em prosa e verso fez meu louco intento;
•Musal . . . Tivera algum moroimento
•Se um raio da razão aeguisse para.

•Eu me arrependo: a lingua quasi fria
•Brade em alto pregão á moelade
•Que atraz do som phantastico corria:

•Outro Aretino fui . . . A santidade
•Manchei! . . . Oh! az me creste, gante impia,
•Rasga meus versos, orá na eternidade!

O derradeiro suspiro foi por tanto um grito de arrependimento! diz o illustre Sr. Rebello da Silva.

O que nos levou a escrever estas curtas linhas sobre Bocage, foi reividuar a memoria do poeta junto d'aquelles que te-n-n'o unicamente por impio e devasso. Deve nos tambem olhar o por outro prisma.

Como Bocage, são quasi todos os inimigos da Religião.»

Rasga meus versos, cre' na eternidade!

Assim disse ao deixar este mundo, aos seus discipulos e amigos o que ha pouco se arrependeu á hora da morte, Emilio Littré. Sim, o grande positivista baptisando-se, e morrendo no seio da Igreja outra coisa não diria aos que o tinham por mestre. Escuta-o-hiam?

UM LEITOR DE GAZETAS.

Secção Litteraria

VICTOR

ou

ROMA NOS PRIMEIROS TEMPOS DO CHRISTIANISMO

PELO P. F. GAY

Tradução do Padre Lima

(Continuado do n.º 17)

CAPITULO VI

As catacumbas

Clemente desceu algu nas essas las depois de ter-se certificado de que a porta falsa ficava outra vez perfeitamente fechada.

Depois, continuando a descer, por uma rampa terrea, penetrou n'una especie de vestibulo, em que haviam algumas lampadas collocadas sobre uma gran le lagea toscamente tallada.

Estas lampadas eram de argilla e de pouco labor: tinham a forma d'una naveta: por uma das extremidades sahia a torçila, na outra tinham uma aza junto a um orificio com borda em forma d'annel por onde se lhes botava o azeite. Pela parte de cima e no centro da tampa costumavam pintar-lhe toscamente ou o monogramma de Christo, ou uma pomba, ou um paxo, ou então uma cruz com a haste toda inflorada. Os christãos gostavam de adornar es-

tes objectos vulgares com os emblemas da sua fé, tanto para suscitar frequentemente a lembrança da religião como para se animarem a morrer por ella.

Depois de ter accessa uma d'estas lampadas, o venerando sacerdote penetrou n'un escuro mas espaçoso antro, embebido no seio da terra, a guiza das na friguerias das feras, e o foi atravessando com a segurança e tranquillidade propria de quem já não é a primeira nem a segunda vez que o percorre.

Por mais habitual, porém, que estivesse nunca lhe foi possível atravessar se n'co n'ção as estreitas galerias das catacumbas. Ca n'nhava de vagar e orando.

Da espaço a espaço voltava-se ora para a direita, ora para a esquerda, como que para ler algum nome ou inscripção que via sobre as lapides d'aquelles sepulchros collocados verticalmente a toda a extensão dos la los das galerias, ou para acitar e venerar os corpos dos que repousavam n'aquellas sepulturas sobrepostas. Poder-se-hia fazer outra coisa ou pensar-se d'outro modo ao passar pelo cemiterio dos martyres?

A's vezes parava até um pouco, e fechando os olhos inclinava a cabeça. Parecia ficar attento a escutar como se uma voz mysteriosa lhe estivesse fallando.

Era que havia reconhecido alguns dos christãos que repousavam alli. Uns haviam recebido d'elle sabias instrucções para conhecerem a verdade, outros, talvez a maior parte havia-os elle mesmo baptisado, e sabendo que suas almas haviam triumphado da morte, pedia-lhes o auxilio de suas orações para os demais fiéis e para si mesmo. Pedia-lhes tambem que lhe conseguissem a dita de morrer gloriosamente como elles haviam morrido.

E depois de ter caminhado um pouco mais por aquellas interminaveis e labyrinthicas galerias, parou, e inclinando outra vez a cabeça se poz de novo a escutar com a maxima attenção.

Havia escutalo um ruido, muito semelhante ao que pro luz um homem que escallavra com picareta pedra facil d'obrar.

— Ah! é o coveiro, disse Clemente a moia voz; vou cumprimental-o: o pobre servo de Deus bem necessita de consolo no seu penoso trabalho; é mister animal-o com algumas palavras de fé e de esperança.

E deixando o caminho que seguia, dirigiu-se para onde o coveiro estava trabalhando. Clemente não se havia enganado. O homem, que produziu o ruido era um d'aquelles fiéis fervorosos que se dedicavam á construcção dos *loculi*, ou sepulturas dos martyres.

Breve o encontrou.

—A paz do Senhor seja contigo, irmão, disse o santo ministro aproximando-se do coveiro.

Este deixou de trabalhar ao ouvir estas palavras, depoz a ferramenta e chegando-se ao sacerdote lhe beijou a mão.

Devia, de certo, causar sensação o encontro d'estes dois homens nas entranhas da terra. O primeiro, a quem já conhecemos, manifestava sua benevolencia ao humilde coveiro com paternal sorriso, animando-o a trabalhar por Deus e por seus irmãos. O segundo, commovido pela caridade do sacerdote, cuja elevada dignidade lhe não era desconhecida, escutava, todo lacrimoso as palavras de fé e d'amor que este lhe dirigia.

E effectivamente o coveiro desempenhava entre os christãos um papel tão penoso como importante. Com a lampada n'uma mão, quando não podia, á mingua de consistencia, suspendel-a das paredes terreas das galerias, via-se forçado a levantar com a outra o pesado alvião, ora para ir cavoucando a terra, ora para abrir novas ruas, ora para cavar e formar os nichos, onde se depositavam e guardavam uns sobre os outros, em trez ou quatro filas horisontaes, os corpos dos irmãos que succumbiam.

E para que lhes fosse mais facil e menos custoso o trabalho, os coveiros vestiam tunica curta com mangas estreitas e apertadas com um firmal perto do punho. Sobre a tunica viam-se-lhe trez cruces; duas na parte inferior e uma sobre o braço direito; de modo que lhes era mui facil vêr e beijar frequentemente algum d'estes signaes da Redempção no que experimentavam sempre grande consolação e allivio.

(Continua).

Secção Artistica

o meu pensar ácerca das artes portuguezas no seculo XIX?

(Continuação)

III

A sublimidade da religião sancta, que, por mercê de Deus, professo, realça não sómente do seu dogma e da sua moral, mas tambem do seu culto, que, symbolisando mysticamente as mais notaveis scenas da benefica passagem de Jesus Christo sobre a terra, e em especial as do ignominioso drama do Calvario, commemorando as datas gloriosas da vida da Cooredemptora da humanidade, e de todos os que, tendo por unico brazão a virtude, poderão

ser cognominados sanctos, conglobando o que de mais bello se encontra nas artes, commove e dulcifica os mais duros corações.

Despertando no espirito do descrente os mais nobres sentimentos arroja-o ás regiões do infinito; e como iman poderoso, evoluciona o genio do artista, aponta-lhe dilatados horisontes e leva-o a executar as maravilhas da arte!

Foi esse culto quem na meia idade pode domar o furor bellico dos povos do norte, que, quaes harpias esfaimadas, se lançaram sobre a Europa; foi tambem elle, que pode guindar até ás nuvens essas moles immensas, que se chamam St.^a Sophia de Constantinopla, S. Paulo de Londres, Cathedral de Milão, Cathedral de Strasburgo, S. Pedro do Vaticano, e muitas outras, que são, e continuarão a ser, as escolas mais completas das artes.

Desde a mais remota antiguidade, como nos testemunha a historia, foram estas cultivadas por quasi todos os povos, em especial pelos gregos e romanos, os quaes, seguindo os impulsos do seu genio artistico e guerreiro, e ainda mesmo os da sua religião, poderam elevar-se a um alto grau de perfeição, que bem visivel se torna nos poucos monumentos, que ainda nos restam, salvos da acção destruidora do tempo e do homem.

A religião christã, porem, comquanto não despresasse os ensinamentos de todos esses povos, soube, a contar do seculo v em diante, imprimir um cunho original nas artes, soube despojal-as do seu character ferino, bellicoso, de modo que o artista, bafejado pelo seu sopro benefico, não mais escolheu para assumpto das suas composições os ridiculos absurdos da mythologia, não mais rastejou o seu genio creador pela terra; mas antes, volitando mais alto, ponde quasi approximar-se do ideal divino, que lhe defronta, e reproduz-o na tela, e esculpil-o com o cinzel ou o buril no marmore e no bronze.

O protestantismo ensinando, que Deus só deve ser adorado em espirito e verdade, exaltou a necessidade e a pureza do culto interno, e menosprezou a do externo, não se recordando da natureza intima do homem, que, alem de espirito, é tambem materia; e assim não só causou as mais fortes perturbações no mundo religioso e social, mas ainda no mundo artistico.

O culto christão-catholico é a imagem da vida, o protestante é a imagem da morte; n'aquelle repleta-se do jubilo o coração do homem, n'este envolve-se n'um veu hypocondriaco; n'aquelle eleva-se o espirito até ás alturas do ceo, n'este humilha-se até ás lages do templo; emfim, n'aquelle, e só n'aquelle, se encontra o magnetico poder de fa-

zer com que muitos abracem a religião que não conheciam, ou voltem ao aprisco, d'onde se haviam trasmalhado.

No paiz, onde existir, pois, a religião christã-catholica devem as artes ser cultivadas; e maior ou menor será o seu florescimento, segundo se conservarem mais ou menos vivas, mais ou menos radicadas as verdades de seu symbolo. No paiz, porem, onde existir o protestantismo, menos scintillante será o fulgor das artes; pelo que a guerra contra esta seita religiosa deve não só ser promovida no campo da sciencia, mas tambem no campo da arte; deve não só ser promovida pelos theologos, mas tambem pelos artistas, á maneira dos da cidade d'Epheso, que se revoltaram contra S. Paulo (Actos cap. XIX), por elle ensinar ao povo, que os deuses eram meras estatuas, destituídas de todo o valimento, e aconselhar a que as destruíssem, privando-os, assim, do meio de angariarem o pão da sua existencia.

A fé religiosa acha-se hoje, infelizmente, em Portugal, senão extincta, pelo menos amortecida; e o indifferentismo religioso vae, dia a dia, alcançando novos proselytos, e presagiando funestos abalos sociaes.

Entre o grande numero de causas, que tem produzido semelhante estado, sem duvida, que os systemas philosophicos, tanto do seculo XVIII, como do presente, devem considerar-se como uma das principaes; todos elles têm operado uma completa e radical mudança, não só na sua vida religiosa e civil, mas ainda, como consequencia necessaria, na artistica.

Ao influxo do lemma de todos esses systemas—*liberdade, equaldade e fraternidade*—foram extinctas as ordens religiosas, que, durante muitos seculos, foram o unico sanctuario das sciencias e das artes; o que, só por si, á falta d'outras razões, devia ser motivo poderoso para que fossem respeitadas, ou ao menos tratadas com mais benevolencia.

Por que modo foi executado o decreto que as extinguiu?

Quantas preciosidades artisticas desapareceram aos golpes do camartello destruidor? quantas, roubadas por mãos sacrilegas, foram enriquecer os museus estrangeiros? quantas foram vendidas por vil preço?

O resto,—o que escapou de tão violento naufragio e ponde abordar a alguns dos nossos raros museus, bem dá a conhecer o quanto ellas valiam. Hoje estão d'atalaia todos os nossos artistas para evitarem que tenham igual sorte algumas poucas preciosidades, que ainda existem refugiadas nos mosteiros de religiosas, mas cabe-lhes bem o adagio—*casa roubada, tranças á porta.*

Amortecida a fé religiosa entre nós surgiu desde logo o desprezo do culto, d'ahi a decadencia das artes em geral, e em especial as religiosas; e o artista, perdido o ideal que o inspirava, viu-se obrigado a pairar sómente sobre a terra, a respirar uma atmosphera saturada de corrupção e immoralidade, viu-se obrigado a abraçar o *realismo* com todas as suas funestas consequências!

Os nossos *sabios* hodiernos proclamam bem alto, e consideram como verdade axiomática, que Portugal deu o primeiro passo na senda do progresso, extinguindo as ordens religiosas, que opprimiram durante muitos seculos em apertado circulo os voos da sua intelligencia, e lhe causaram os mais graves prejuizos materiaes; mas como prestar-lhe credito, se tudo o que eu encontro de mais solido e profundo nas sciencias e nas artes a ellas se deve! Se ellas se dedicaram ao estudo de todos os variados ramos da sciencia—, se ellas nos legaram as importantes obras com que se formaram as nossas bibliothecas,—se ellas deram o impulso á nossa agricultura, arroteando terrenos incultos, plantando mattas, que ainda hoje se conservam,—se ellas deram impulso a todas as artes, levantando esses monumentos, que nem ao menos os nossos *sabios* os conservam,—se ellas, emfim, deram impulso á industria!—Impossivel!

Instituições tão beneficicas tinham ja a ser consideradas beneemeritas da patria; e, se alguns abusos n'ellas existiam, como dizem, fossem sujeitas a uma reforma, mas nunca a uma extincção, e extincção, feita de modo que ninguem ignora. Se possuíam muitos privilegios, se não eram eguaes perante a lei, fossem lhes muito embora tirados esses privilegios, fossem niveladas pela lei, mas nunca extinctas.

Temos progredido, é certo, no seculo que vamos atravessando, mas não no campo das artes, e em especial das bellas—A descrença *religiosa* e a descrença *artistica* (o *realismo*) eis duas importantes causas d'esse retrocesso, causas que tambem são communs a quasi todos os paizes, onde as artes jazem em decadencia.

Braga, Agosto de 1881.

(Continúa)

P.º ALFREDO ELVIRO DOS SANTOS.

Retrospecto da quinzena

É sempre de festa o dia 14 de agosto em Guimarães. Repicam os sinos, illuminam-se as janellas e canta-se uma

missa no Padrão levantado em frente da Real Collegiada, com assistencia do Rev.º Cabido e Ex.ª Camara, havendo sermão em plena praça.

Antes da festividade percorre as ruas da cidade em procissão a imagem de N. S. das Victorias acompanhada do cabido e camara.

Que motivará tal festa?

Será que Guimarães commemore a entrada em Portugal de algum exercito que viesse dividir em dois campos os filhos d'estes reinos? Será que se festeje o dia em que um partido politico vencesse outro, sem que os interesses da patria fossem salvaguardados?

Não! Guimarães traja de gala no dia 14 de agosto de cada anno, porque esse dia lembra o facto mais grandioso, mais espantosamente patriotico que contam os annaes da nossa historia. Relembra o dia em que D. João 1.º, o *rei soldado*, juntando em volta de si *todos* os portuguezes, quebrára as algemas que Castella lhe impunha e fizera fugir em vergonhosa retirada as hostes aguerridas de D. João 1.º de Castella, que deixára com a flor do seu exercito a gloria de suas armas envoltas no pó de Aljubarrota, sobre que se ergue hoje o mais grandioso monumento consagrado á Virgem das Victorias e ás glorias de Portugal—Santa Maria da Batalha.

Sim, leitores, commemora Guimarães no dia 14 de agosto de cada anno a libertação de Portugal, a data gloriosa em que mais uma vez lhe fora doada a liberdade pelos seus monarchas e pelos seus denodados cavalleiros.

E são estas as festas da liberdade da patria, são estas porque todos os portuguezes n'ellas tomam parte, e são estas as que se querem substituir por outras que de patrioticas nada teem. Estas festas da liberdade recordam o levantamento de monumentos gloriosos; as outras festas da *liberdade* recordam o esfacelamento d'esses mesmos monumentos.

Chama-se esta festividade do Pelote, porque pende d'uma das ogivas do Padrão a veste ou pelote que o Mestre de Aviz vestia na memoravel batalha e que com os despojos tomados ao rei de Castella, offertára á Virgem da Oliveira.

O orador foi o nosso amigo padre Abilio Augusto de Passos, que mereceu o nome, com que deve honrar-se, de reaccionario, porque, exalçando o patriotismo dos que levantaram os monumentos junto dos quaes fallava, stigmatizou a pedantesca ousadia dos que erguem e querem erguer monumentos ao atheismo e á tyrannia, e mencionou os erguidos a Mazzini e a outros e o que se projecta ao Marquez de Pombal, etc.

Reaccionario! Pois que é, ou que deve ser o padre catholico senão reaccionario, em face do movimento anti-ca-

tholico, posto em acção em toda a parte pelos inimigos de Deus, da sociedade, dos reis, da auctoridade?

De festa foi tambem para Guimarães o dia 15, conhecido aqui pelo dia de Nossa Senhora da Oliveira, em que se festeja a Santissima Virgem no mysterio de sua Assumpção, sob a invocação de Nossa Senhora da Oliveira.

O vasto templo de tantas recordações historicas encheu-se de gente, de luzes, de flores, de harmonias! De tarde fora orador Monsenhor Luiz Maria da Silva Ramos, que reúne todos os predicados para merecer a nossa admiração: catholico puro, e por isso mesmo reaccionario de primeira força, e de uma illustração não vulgar, como temos tido occasião de observar nos seus numerosissimos escriptos e que mais uma vez admiramos no discurso, que ainda escutamos, feito no dia 15. Que força de argumentação! que imponencia de linguagem! que altivez na fórma com que interrogava os *sabios* modernos! que facilidade em fazer pedaços as suas objecções! Numa palavra, Monsenhor Luiz Maria da Silva Ramos, um dos ornamentos da nossa Universidade, é um reaccionario! E por isso mesmo, catholico e portuguez. Parabens a s. ex.ª rev.ª

Não deixaremos de mencionar um facto bem digno de registrar-se. Agora que se mofa das festividade, que se reprova as procissões, fazem-se estas com mais pompa, e, o que é mais ainda, os moradores das varias ruas por onde outr'ora não passavam estas manifestações do culto catholico, requerem, pedem, instam porque as suas ruas sejam o estrado por onde passe triumphal a Imagem da Virgem da Oliveira. Foi o que se deu este anno, sahindo a veneranda Imagem fóra dos antigos muros, estendendo-se a magestosa procissão pelos largos e ruas mais importantes da cidade. E os grandes abdomens, os macacos, que não gostam das procissões poderam vel-as, mais de longe, a respeitosa distancia, mas de chapéu na mão, olhando-a com ares de bestial desconfiança.

No Consistorio de 4 do corrente foi preconizado, por Sua Santidade, Arcebispo de Góa, Primaz do Oriente, Monsenhor Antonio Sebastião Valente, ha pouco nomeado pelo governo para tão elevado cargo.

S. Ex.ª Rev.ª será sagrado em Lisboa e em seguida, antes de partir para o Oriente, irá a Roma receber o *pallium*, insignia da jurisdicção archiepiscopal, que, segundo o estylo da corte pontificia, será dado ao novo Arcebispo Primaz em audiencia papal.

O *pallium* é uma fita larga de lã branca, que pende dos hombros, e prende

no peito a outra fita de igual largura, com cruces bordadas de lã preta, e bordas da mesma côr.

Repetimos os parabens que antecipadamente havíamos dado a S. Ex.^a Rev.^{ma}, damol-os de novo aos povos de Gôa, e não podendo resistir ao desejo que nos assalta, damol-os também à Associação Liberal de Coimbra por ter concorrido para esta honrosa confirmação, apontando as virtudes e altas qualidades do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. D. Antonio Sebastião Valente.

Vae realisar-se em Lisboa no proximo mez de novembro uma exposição retrospectiva de arte ornamental hespanhola e portugueza, sob a protecção de S. M. El-Rei.

Da commissão executiva da mesma exposição recebemos a seguinte carta:

«Ill.^{mo} e ex.^{mo} snr.—Incluso remetto a V. Ex.^a um programma da exposição de arte ornamental que se vae realisar em Lisboa. A commissão executiva, de que tenho a honra de ser presidente, confia em que o jornal, de que V. Ex.^a é digno redactor, fará a mais entusiastica propaganda em favor d'uma obra altamente patriótica, e da qual só podem resultar a gloria e o progresso do paiz.

Deus guarde a V. Ex.^a—Lisboa e secretaria da commissão executiva em 8 de agosto de 1881.

Ill.^{mo} e ex.^{mo} snr. redactor do jornal *O Progresso Catholico*.

(O presidente da commissão

Delfm Deodato Guedes.)

Do programma que acompanha a carta que deixamos transcripta, publicamos o seguinte:

«A commissão declara que empregará todos os esforços possiveis para que os objectos que são confiados à sua guarda não soffram o menor damno ou extravio.

«A's obras de arte da casa real, que Sua Magestade El-Rei o Senhor Dom Luiz I se dignou mandar para a exposição; aquellas que Sua Magestade El-Rei o Senhor Dom Fernando II se dignou também offerecer para o mesmo fim; às collecções da Academia Real de Bellas-Artes, da Academia Real das Sciencias, dos thesouros das mitras e dos cabidos das sés, dos conventos e estabelecimentos publicos de Lisboa e de outras terras do reino; aos exemplares emprestados por muitas pessoas que se empenham no bom exito d'este civilizador empreendimento, accrescerá uma valiosa collecção do museu South Kensington de Londres e os exemplares com que a Hespanha concorreu à exposição que actualmente se celebra n'aquelle museu.

Até hoje não se reuniram ainda, nem talvez se tornarão a reunir tantas e tão varias obras da arte hespanhola e portugueza, como as que se têm já colligido e continuarão a colligir-se até à abertura da exposição.

A commissão executiva convida pois todas as pessoas que possam concorrer com objectos das especies adiante designadas para tornarem o mais completa que fór possivel una exposição que terá, entre outras vantagens, as seguintes:

1.º Dará idéa clara e positiva das origens, evoluções e phases successivas da arte ornamental portugueza, fazendo conhecidos os productos artisticos de cada seculo e os caracteres dos seus respectivos estylos.

2.º Mostrará as relações da arte portugueza com a arte hespanhola e as suas reciprocas influencias em cada epoca.

3.º Reunirá os subsidios indispensaveis para a historia de arte que tanto nos importa conhecer.

4.º Poderá influir no aperfeiçoamento da arte moderna, facilitando o estudo e confrontação dos exemplares que melhor attestam o gosto e mostram os processos dos artistas portuguezes que floresceram nos tempos passados.

Os expositores terão entrada gratuita.»

Approvamos a idéa tanto quanto agradecemos a carta que nos foi dirigida, e com todas as veras de nossa alma desejamos que a exposição seja a mais completa, a mais variada, a mais rica de quantas se tenham realisado n'este genero. Seria para nós uma gloria o vêr ali reunidos todos os objectos de arte que Portugal possuia ao findar o seculo XVIII e até depois do primeiro quartel do seculo XIX, não só os que existirem no paiz, como aquelles que os nossos desvários deixassem ir para terras estranhas.

E mais ainda. Quereríamos que todos os objectos expostos indicassem os nomes dos actuaes possuidores, e os de quem anteriormente os possuira; e não seria menos curioso o saber-se a maneira como os ditos objectos passaram para poder dos expositores.

Seria a historia mais curiosa a d'esses objectos! Muitos, que pertenciam aos conventos de frades, narrariam a maneira como foram *desviados* sorratamente, outros o preço infimo porque foram vendidos a compradores sem consciencia, etc. etc.

Pela nossa parte fazemos votos porque a exposição seja a mais completa, e a commissão executiva, pela sua parte, devera procurar a historia de todos os objectos expostos, e teria feito um importante serviço.

Mais uma peregrinação ao Sameiro!

A peregrinação dos industriaes da fabrica de papel de Ruães, diz o nosso collega do *Commercio do Minho*, surpreendeu-nos pela boa ordem e acção com que a vimos passar.

Aquellas duas alas de mancebos laboriosos sob uma bandeira da Santissima Virgem, empunhando todos seu galhardete com o anagramma da AVE MARIA, faziam desfiar as lagrimas que assomam aos olhos por uma commoção interna que não sabemos explicar, mas que sentimos quando vemos a devoção de um povo, que por estes actos publicos presta culto aquella que chamamos Mãe de Deus e Mãe nossa.

O grupo das camponezas pela sua uniformidade no traje, era surpreendente.

Ao snr. Corte Real damos os parabens pela boa direcção que deu a esta manifestação religiosa dos industriaes d'aquelle estabelecimento a seu cargo.

O mestre da fabrica, um inglez que pertence à religião protestante, acompanhou com todo o respeito, elle e seus filhos, descobertos, esta peregrinação, desde Ruães até ao Sameiro.

Que lição para aquelles que nem respeitam a religião do seu paiz!»

O theatro em França vae, ao quo parece, sahindo dos laços em que o prendera a impiedade.

Ha dias fora levado à scena em um dos theatros de Pariz o drama—*O Padre*. Em Portugal este titulo arrastaria os *amadores* ao theatro para verem o padre como um scelerado, um inimigo da honra. Em Pariz este titulo levou ao theatro milhares de pessoas que iam ver o padre catholico tal qual é.

Vejamos uma das scenas:

«A scena passa-se na India. Um missionario refugia-se na casa de uma familia para descansar das suas fadigas e pede agua. O dono de casa dá-lhe a agua, mas agua envenenada. O padre ardia com sede, ia a levar o copo aos labios quando se ouvem gritos de desespero. O padre suspende a bebida e quer informar-se do que motivara taes gritos. A mulher do homem que queria envenenar o padre entra na casa trazendo ao collo um filho a quem acabava de morder uma serpente das mais venenosas. A mãe chorava desesperada, e o filho estorcera-se entre dôres. O padre esquece a sede que o devorava, toma a creança nos braços, ajoelha, colla os labios à ferida que o reptil fizera e, com risco da propria vida, bebe o veneno que a serpente inoculava no corpo da creança.»

Eis-aqui a mão da Providencia. Quando o pae ten'ava envenenar o missionario, Deus, mandava um reptil envenenar-lhe o filho e os gritos da mãe afastavam o veneno dos labios do ministro

do Senhor para que o fosse tirar do corpo do filho do seu assassino.

A plateia, (pariziense, note-se) ao vêr tal rasgo de amor e caridade rompeu em freneticos bravos, e nos dias seguintes encheu-se sempre o theatro de gente para vêr o que é um padre catholico.

Isto é que são scenas dramaticas, senhor dos NN. e é com estes mestres que devera aprender para nos ter de comprar applausos.

J. DE FREITAS.

Secção para rir

I

Um desgraçado, perseguido implacavelmente pelos seus credores, e a quem um alfaiate foi perseguir de manhã cedo á casa de hospedes onde morava, tomou a resolução de se fechar por dentro e não dar resposta por mais que o homem batesse. O alfaiate, que bem sabia que elle estava em casa, disse-lhe pelo buraco da fechadura:

—Não me quer responder? Pois esteja certo que não me vou hoje d'aqui.

O devedor riu-se, e deitou-se para baixo.

Acordou ao meio dia, e começou a vestir-se, dizendo consigo:

—A estas horas já o meu carcereiro desistiu.

Comtudo sempre á cautela, estendeu-se no meio do chão, e espreitou pelo intervallo que havia entre a porta e o chão. Qual não foi o seu terror, quando viu umas botas immoveis?

—E não se foi! pensou o desgraçado, cá estão os pés!

Dã uma hora, dão duas, e elle renova a experiencia e os pés sempre lá.

Dão tres horas, dão quatro, e dão cinco, e a fome devastava o estomago do infeliz, mas as botas não se retiravam.

Então não pôde mais. Capitulou por falta de viveres. Abriu a porta, n'um lance de desespero, e seu espanto não foi pequeno quando viu que as botas carcereiras eram as suas proprias botas que o creado lhe engraxára e pozera á porta.

II

N'uma das nossas cidades deu-se ha dias um facto extraordinariamente engraçado.

Nos baixos de uma casa elegante, estava a estação postal dos correios. Um dia, um d'esses elegantes, que passam a vida a percorrer as ruas á cata de aventuras amorosas, viu na janella, so branceira á estação postal, uma formosa dama, e, vel-a e amal-a, obra foi de um

momento. Quiz declarar-lhe o seu amor, esse amor em que se sentia arder, e communicou o segredo do seu coração a um amigo. Este aconselhou-o a que declarasse á joven dama o seu amor mesmo da rua, quando ella estivesse á janella. O Leão assim fez. Passou mil vezes em frente da casa e n'uma das dilas viu a dona do seu coração á janella.

Passou, tossiu, e quando viu que a dama o fitava, assim lhe fallou:

—Senhora, venho aqui para dizer-lhe que queria amal-a.

A dama que o escutára distrahida, que esperava, talvez, ver despontar na esquina proxima o escolhido do seu coração, respondeu-lhe com a maior indifferença:

—Entre e peça-a ao empregado, que deve estar na repartição.

Julgue-se do estado do pobre dandy ao ver que a dama, em resposta a uma declaração de amor, o mandava carregar com uma mala do correio!

III

—«General—diziam umas senhoras que jogavam o *wisgsg* em casa da sr.ª de...—conte-nos v. alguma cousa da ultima guerra de Cuba.

—Não tenho duvida, disse o general, pondo as cartas de parte.

Na ultima campanha empreguei todo o cuidado para que os meus soldados não roubassem nem sequer uma gallinha, e ordenei publicamente, que todo aquelle que fosse encontrado em flagrante seria fuzilado.

Uma manhã, ia eu na frente das minhas tropas, quando notei que do bernal de um corneta d'ordens, saia a cabeça de um gallo vivo!

Chego as esporas ao cavallo dirijome ao corneta e digo-lhe.—Ah! grandissimo tratante! vou mandar fazer alto e fazer-te fuzilar na frente da força. Já roubaste por ali esse gallo, de certo.

—Não posso negar, meu general, me respondeu o rapaz com todo o respeito—; mas não o apanhei para o comer.

—Pois para que? grande patife!

—Para que, cantando, me acorde cedo.

Z.

BOLETIM DO MONUMENTO

PIO IX, O GRANDE

Principiamos hoje a tornar conhecido dos leitores do *Progresso Catholico*, o producto da subscripção para o grande monumento que, por iniciativa de Guimarães, o paiz vae erguer ao maior culto d'este seculo, mostrando assim a maneira como a idéa foi recebida.

E tão bem recebida foi que a maior parte da imprensa do paiz, toda a imprensa de Guimarães e todos os seus habitantes, tem mostrado, aquella por seus artigos e estes pelo entusiasmo com que n'ella fallam, o quanto ella é digna de todas as almas grandes e quanto merece dos que abrigam no peito o sentimento do bello, do santo, do maravilhoso!

Eis o extracto da subscripção aberta na Penha por occasião de se nomear a commissão:

Da Commissão..... 265\$000

Geral:

Joaquim José d'Oliveira Silva Guimarães.....	10\$000
Alvaro da Costa Rocha.....	5\$000
Francisco José de Freitas Guimarães.....	5\$000
Antonio de Padua Abreu Almeida.....	5\$000
José Maria da Costa.....	4\$500
Antonio Chrysostomo.....	2\$000
João Pinto de Queiroz.....	2\$250
Antonio José da Silva Ferreira.....	2\$000

Somma..... 300\$750

Fica aberta a subscripção na redacção do *Progresso Catholico*, podendo qualquer quantia ser-lhe enviada, que logo aqui será mencionada.

A commissão tem dirigido cartas a varios cavalheiros do paiz, conhecidos por seus sentimentos catholicos, convidando-os para formarem commissões nas respectivas localidades.

Logo que os mesmos vão dando o seu consentimento se publicarão aqui os seus nomes e os das respectivas commissões.

Supposto não tenhamos conhecimento da formação de commissões, temos já a adhesão de muitos cavalheiros em varias terras do paiz, e tudo nos leva a crer que serão coroados de exito feliz os esforços da commissão.

O Novo Mensageiro do Coração de Jesus, no seu n.º de julho passado, fallando do monumento, dizia o seguinte:

«*Monumento a Pio IX.*—Suscitou-se em Guimarães uma bellissima idéa—a de erigir uma estatua colossal a Pio IX o GRANDE, na serra de Santa Catharina (Penha), sobranceira á cidade berço da monarchia. Do ponto culminante em que se tenciona erigir a estatua do Pontífice da Immaculada avista-se a de Nossa Senhora da Conceição do Monte Sameiro, sobranceira á cidade de Braga—a Roma portugueza.

Applaudimos do fundo d'alma, tencionamos concorrer com alguma quantia e abrir uma subscripção n'este lugar logo que esteja formada a commissão, etc. Esperamos, que se não demore muito.»